

“Divertir, instruir, emancipar”: Uma análise de processos educacionais em cineclubes de Belém do Pará¹

CUNHA, João Batista Chaves²

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas³

A partir do interesse pela inter-relação entre educação e comunicação e de questionamentos sobre o universo cineclubista, este trabalho propõe a análise do potencial desenvolvido pelos cineclubes da cidade de Belém do Pará na área da Educomunicação. A pesquisa foi norteada pela seguinte questão: Até que ponto os cineclubes desenvolvem práticas educacionais, levando em conta a diversidade de propostas, posicionamentos e linhas de atuação dessas organizações? Apresenta-se a hipótese que os cineclubes da cidade desenvolvem práticas educacionais e, para tal, a estrutura democrática dessas organizações é determinante. A metodologia foi desenvolvida em três etapas: o mapeamento dos cineclubes que realizaram sessões de cinema em Belém do Pará entre outubro de 2013 e março de 2014; pesquisa-participante com realização de entrevistas semi-estruturadas em sessões de quatro desses cineclubes; e análise qualitativo-descritiva das sessões. Este trabalho recorre ao aporte teórico de autores como Ismar Soares e Jesús Martín-Barbero sobre Educomunicação. Para abordar os cineclubes, utilizam-se os escritos de Felipe Macedo e Giovanni Alves, além das contribuições de Rosália Duarte e Regina Zauk Leivas para discutir sobre Cinema e Educação. A pesquisa é uma contribuição para as reflexões sobre o potencial de ensino-aprendizagem nos cineclubes.

Introdução

O presente trabalho relata os resultados de pesquisa que buscou analisar o potencial dos cineclubes em processos de Educomunicação. Esse, segundo estudos do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da

¹ Trabalho apresentado no II Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, realizado entre os dias 25 e 27 de outubro de 2016, Belém/PA.

² Graduado em Comunicação Social – Jornalismo – UFPA. E-mail: joaocunhajor@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Grupo e Projeto de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia – CNPq-UFPA. E-mail: celia.trindade.amorim@gmail.com.

Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP), é um campo de intervenção social que alia o educar ao fazer comunicativo.

A pesquisa foi desenvolvida em Belém do Pará, a partir da pergunta: Até que ponto os cineclubes da cidade desenvolvem práticas educomunicativas, levando em conta a diversidade de propostas, posicionamentos e linhas de atuação dessas organizações?

Para isso, utilizam-se como objetos de estudo quatro cineclubes belenenses: Cine CCBEU, Projeto “Troca de Olhares: As Interfaces entre Cinema e Filosofia”, Cineclube Alexandrino Moreira e Cine Africanidade. Essas organizações foram analisadas por meio de sessões de cinema promovidas por cada uma delas, à luz dos conceitos da Educomunicação.

Educomunicação: o fazer social e um campo em construção

Campo híbrido e em construção, a Educomunicação é um caso emblemático de fazer que nasce entre grupos e movimentos populares e ganha corpo na prática social; em seguida é identificado por pesquisadores para, enfim, ser inserido no meio acadêmico como teoria e ramo sistematizado do saber. Sua história científica perfaz pouco mais de 15 anos de conceito legitimado em sociedade. Ismar Soares, um dos principais divulgadores da Educomunicação no Brasil, refere-se a ela como “toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos” (SOARES; MACHADO, 1999, p.9).

Porém, a Educomunicação começa a se materializar há mais tempo. Sua trajetória ultrapassa seis décadas e, segundo Soares (2012), está ligada à organizações espalhadas por todo mundo e que, em realidades distintas, lutavam por um ideal semelhante: a liberdade de expressão.

Estavam nesse rol grupos da militância negra, LGBT, ambientalista e indígena que convergiam termos de referenciais teóricos e metodológicos e pela vontade de expandir suas causas a um público mais amplo. Por estarem à margem dos grandes sistemas de mídia, eles optaram por experiências em comunicação alternativa.

Se discutia, se sabia que existiam problemas, mas isso ficava somente entre os especialistas. Livros eram publicados, teses eram feitas para as prateleiras, no entanto, algumas pessoas começaram a trabalhar este tema a partir do uso alternativo das tecnologias, por exemplo, e disseminaram procedimentos e disseminaram informações a tal ponto

que criou um problema forte, assumido pelas Nações Unidas, e que nos levou, por exemplo, a ter a Rio-92 aqui no Brasil. No caso da educação ambiental, ela floresceu, ganhou espaço, legitimidade, cidadania, a partir dessa prática alternativa da sociedade. E nós vamos observar também que a luta contra as ditaduras da América Latina, teve o mesmo procedimento, foram as atividades alternativas feitas pelo movimento popular que acabaram gerando a legitimidade para derrubar ditadores, isso em toda América Latina. (SOARES, 2011)⁴.

Já o neologismo “Educomunicação” foi estabelecido, na década de 1980, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A palavra virou sinônimo de “educação para a recepção crítica dos meios de comunicação”, o que estava em voga, à época, na Europa.

O termo foi importado para a América Latina e se tornou corrente entre muitos grupos, como a Organização Católica Latino-Americana e Caribenha de Comunicação (OCLACC). Paralelamente, nos países latinos, também era usada a expressão “Educación a la Comunicación”, ressalta Soares (2011, p.33), para se referir à leitura crítica da mídia e ao desenvolvimento de pessoas autônomas e pensantes frente aos meios.

No Brasil, em especial, as atividades nesse âmbito, como cursos e oficinas de comunicação popular, cresceram nos anos 1990 e foram fortemente influenciadas pelas ideias do educador Paulo Freire, com um viés dialético e de relação horizontal entre os indivíduos. Entre os agentes dessa difusão incluíam-se núcleos de extensão de universidades e Organizações Não Governamentais (ONGs), a exemplo do Centro de Criação e Imagem Popular (CECIP)⁵, que desde 1986 trabalha na formação de espaços educativos para crianças e jovens no Rio de Janeiro.

Diante desse cenário, o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/ECA/USP), em parceria com a Universidade Salvador (UNIFACS), realizou uma pesquisa dedicada a investigar a interface comunicação/educação. Entre 1997 e 1999, participaram 176 profissionais de 12 países latino-americanos, em uma gama que envolveu produtores culturais, tecnólogos, arte-educadores, professores e pesquisadores de comunicação e educação.

⁴ Trecho retirado do vídeo-entrevista com Educomunicação com o Prof. Dr. Ismar Soares do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=P61XDSIoHqY>. Acesso em 08 de março de 2014

⁵ <http://www.cecip.org.br/>

Divulgado pela primeira vez em 1999 na revista científica *Contato*, o estudo procurou perceber “como se estabelecem, no mundo contemporâneo, os espaços transdisciplinares que aproximam tanto de forma teórica como programática os tradicionais campos da Educação e da Comunicação” (SOARES; MACHADO, 1999, p.2). Como resultado, identificou-se o surgimento de um campo do conhecimento com autonomia, densidade e em processo de consolidação, reunindo os expedientes de Educação e Comunicação. Com base na diretriz da UNESCO e no termo “educador” do autor argentino Mario Kaplún, o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo batizou o novo campo de “Educomunicação”. A Educomunicação, concluiu a pesquisa, apesar de ser construída em áreas diversas, e em ambientes de ensino formal e não formal, tais como a gestão de processos comunicativos, a educação popular e a expressão artística voltada à educação, encontra-se na unidade pela intencionalidade comunicativa. Segundo define Ismar Soares, que também é coordenador do NCE/ECA/USP, a Educomunicação é:

o conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros da comunidade comunicativa (SOARES 2003 apud SOARES, 2011, p.36)

Como indica o trecho anterior, o conceito de Educomunicação está atrelado a outro de grande relevância: o de ecossistema comunicativo. A expressão fora utilizada pelo teórico Jesús Martín-Barbero ao pensar sobre o papel central dos meios de comunicação e das tecnologias na sociedade contemporânea e, como eles, a criação de “novos modos de sentir e perceber”. Assim, firma-se o ecossistema comunicativo que “que está se tornando em uma coisa tão vital como o ecossistema verde, ambiental” (MARTÍN-BARBERO, 2007, p. 54).

Para o autor, em frente a esse panorama, a escola deve “pensar menos nos efeitos ideológicos e morais dos meios e mais nos *ecossistemas comunicativos*, que são formados pelo conjunto de linguagens, escritas, representações e narrativas que alteram a percepção” (MARTÍN-BARBERO 2002 apud SOARES 2011, p.44)

Ismar Soares e a equipe de pesquisadores do NCE/ECA/USP adaptaram a noção de ecossistema comunicativo e, no contexto da Educomunicação, a referenciam como um ambiente ideal, um sistema de relações a ser construído pelo planejamento e ações coletivas focadas no diálogo social e nas potencialidades dos meios de comunicação e das tecnologias.

O tipo de ecossistema comunicativo perseguido pela Educomunicação deve ser “aberto” e “criativo”, “visar a qualidade dos relacionamentos e permitir a participação ativa das pessoas sobre as práticas e propostas comunicativas. Nele, toda ação é negociada por meio do diálogo, gerando um espaço de convívio humano horizontal e colaborativo” (CUNHA, 2014). Para o ecossistema comunicativo ser materializado na vida social, é preciso gestão, planos, método e avaliação de prazos de forma participativa.

É dessa forma que a Educomunicação tem se expandido no país, ainda que em marcha reduzida. A interface Comunicação/Educação está presente nos espaços de ensino formal, na formação de pessoas para trabalharem no campo, com destaque para a Licenciatura em Educomunicação da USP, a primeira no Brasil, criada em 2011, e em políticas públicas como o Educom.Rádio do Programa Mais Educação⁶. Diante de um sistema educacional precário, firmado em relações assimétricas e em uma lógica vertical e conteudista, em vigência, são os espaços alternativos que apontam, sobretudo, para uma perspectiva de construção de conhecimento em diálogo com a sociedade. É nesse contexto que se apresentam os cineclubes.

Cineclubes: uma organização internacional do público e o cinema na educação

Cineclubes são organizações que reúnem pessoas e realiza debates a partir da sessões gratuitas de obras audiovisuais (filmes de ficção, documentários, animações, entre outras), incentivando a análise crítica, o conhecimento sobre a linguagem cinematográfica e a produção independente.

Os cineclubes são quase tão antigos quanto às exibições públicas de cinema. Foi em Paris, no ano de 1895, que aconteceu a primeira delas, promovida por Auguste e Louis Lumière e considerada o marco inicial do cinema, segundo Delgado (2002) *apud* Cunha (2010). Por muito tempo, historiadores de cinema consideraram as origens do cineclubes junto ao periódico *Jornal du ciné-club* de Louis Delluc, lançado em 1920. Crítico de arte e agitador cultural da época, Delluc iniciaria, meses depois, projeções e debates de filmes com o objetivo de estimular a pesquisa estética do cinema. Do

⁶ “Educom.rádio - Educomunicação pelas Ondas do Rádio” foi um projeto promovido pela Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e com execução do NCE/USP, em 2001. Durante o vigor do projeto, 11 mil agentes educacionais foram atendidos, dentre professores, estudantes e membros de comunidade educativas, das 455 escolas de Ensino Fundamental da rede pública do município. (SOARES, 2011, p.38).

periódico, veio o termo “cineclube”, que posteriormente passou a nomear todas sessões dessa natureza.

No entanto, uma vertente contemporânea de autores, como Manonni (1993), Perron (1995), Marinone (2009) e Macedo (2010, 2013), demarcam a gênese do cineclube em anos mais cedo na história. Em 1913, também na cidade de Paris, é criada a primeira associação com perfil cineclubista, à semelhança que conhecemos hoje. O cineclube surgiu dentro do movimento operário francês, de acordo com Macedo (2010) e Mundim (2011).

Durante o I Congresso da Federação Comunista Anarquista Revolucionária, um dos debates centrais concentrava-se na força crescente do cinema na sociedade. Conforme pontua Gabriel de Barcelos (2013) em “100 Anos do Cinema do Povo e do Cinema Militante”:

“Se algumas pessoas ainda viam os jornais e livros como meio privilegiado para a educação, a potência das imagens cinematográficas perante o povo não podia ser ignorada pela maioria da militância” (DE BARCELOS, 2013)

Em outubro daquele ano, nascia o Cinéma du Peuple, em português “Cinema do Povo”. A organização funcionava em sistema de cooperativa, com participação aberta e, a princípio, composta por militantes de correntes ideológicas diversas (como anarquistas e socialistas). As diretrizes do cineclube estão relatadas na ata de fundação e estatutos, a exemplo de:

“1. A produção, reprodução, venda, locação de filmes cinematográficos, assim como todos os aparelhos e acessórios; 2 A propaganda e educação através de apresentações artísticas e teatrais, conferências, etc.(...) A Sociedade se esforçará para elevar a intelectualidade do povo.” (MANNONI, 1993 apud MACEDO, 2010)

Cada participante pagava uma contribuição periódica para o financiamento das atividades, e tinha direito a voto nas assembleias deliberativas. Além das apresentações públicas de cinema, o Cinema do Povo dedicava-se à produção de material audiovisual próprio, com intenções de instrução e propaganda das ideias do movimento operário.

No curto, porém produtivo, período em que esteve aberta, a organização produziu obras de ficção, como *Les misères de l’aiguille* (As misérias da agulha, 1914) e *L’hiver! Plaisir des riches! Souffrances des pauvres!* (Inverno! Prazer dos ricos! Sofrimento dos pobres!) a de atualidades, caso de *Les obsequies du citoyen Francis de Pressensé* (O funeral do cidadão Francis de Pressensé). Todos os filmes eram centrados em questões sociais e dirigiam-se aos trabalhadores. As sessões gratuitas aconteciam na

sede do Cinema do Povo, em um bairro periférico de Paris. “Nos cartazes de divulgação, um lema estampava e resumia o programa cultural e política da organização: ‘Divertir, instruir, emancipar’”. (CUNHA, 2014).

Imagem: Cena do filme *La Commune* (1914) produzido pelo Cinéma du Peuple



Fonte: <http://sessao.wordpress.com/2013/06/09/100-anos-do-cinema-militante-2/>

Para Felipe Macedo e Giovani Alves (2010), dois dos principais estudiosos do Brasil em cineclubes, o Cinema do Povo é seminal por concentrar, pela primeira vez, práticas essencialmente cineclubistas. Por mais que, nos anos que se seguiram, o movimento tenha crescido, internacionalizado, e ganhado as mais variadas formas de acordo com a multiplicidade de públicos, existem características fundantes que estão presentes em 2013. São esses traços que os identificam como unidade e, ao mesmo tempo, distinguem de outras iniciativas de cinema alternativo, como as cinematecas e as salas de “cinema de arte”, como são chamados os espaços de exibição de filmes à margem do circuito comercial. As características do cineclube, de acordo com o artigo “O que é cineclube”⁷ de Felipe Macedo, são: 1) o cineclube não tem fins lucrativos; 2)

⁷ Disponível em http://cineclube.utopia.com.br/clube/o_que_e.html. Acesso em 01 de outubro de 2016.

o cineclube tem uma estrutura democrática; 3) O cineclube tem um compromisso cultural ou ético.

A respeito do primeiro tópico, Macedo (2016) afirma que os cineclubes são Organizações Não Governamentais (ONGs) que aglutinam pessoas “em torno da atuação com cinema”. Portanto, não visam arrecadação financeira para o benefício de seus participantes. As sessões de cinema, oficinas de formação cineclubista, ou qualquer outra ação promovida pelo cineclube não envolve cobrança monetária ao público. Mesmo quando há lucro para a organização, este é investido para a manutenção e crescimento do próprio cineclube.

Na medida em que o cineclube é uma organização do público para o público de cinema, é indispensável que ele tenha uma estrutura democrática, sua segunda característica, como destaca Macedo. Além da estrutura aberta e livre para o diálogo após a exibição dos filmes, as demais atividades da organização devem ser coletivas. Incluem-se aí a escolha do filme para cada sessão e a votação dos organizadores do cineclube. Mesmo que nesse processo ocorram falhas, ressalva o autor, tais como a existência de organizações dirigidas por um grupo fechado, nos cineclubes existe, de maneira geral, uma rotatividade nos cargos de direção, de acordo com a avaliação do desempenho de cada gestor e da condução que ele imprime à entidade.

Ao mesmo tempo em que se espalhou pelo mundo, o cineclube mudou de feições, formatos e abordagens, atendendo os mais diferentes públicos ao longo de sua centenária história. O que permanece inalterado, além dos dois pontos acima, é o compromisso cultural ou ético, seu terceiro aspecto.

O público apropria-se do cineclube, fazendo o uso de sua constituição flexível e aberta para veicular suas pautas, reivindicações, ambições. Essas iniciativas então, cada uma a sua maneira, se voltam para “fins culturais, éticos, políticos, estéticos, religiosos”. (CUNHA, 2014)

Assim, é possível que o movimento cineclubista comporte proposta tão diversas entre si, quanto o estudo da linguagem e a apreciação estética dos filmes é das iniciativas que querem o cineclube como “instrumentos pedagógicos e de engajamento cultural e político em sindicatos, igrejas, escolas, movimentos sociais, alinhados com lutas de minorias (negros, mulheres, homossexuais, indígenas, entre outros)” (CUNHA,

2014, p. 67). Ao final, todos estão engajados no compartilhamento de um ideal ou ideais éticos ou culturais.

O cineclube pode ser, inclusive, educativo. O cinema e o cineclube, em específico, tem um passado repleto de reviravoltas com a aprendizagem. As imagens fixas e em movimento são usadas há muito por escolas, sindicatos, comunidades, para o ensino, como afirma Macedo (2011). Com a popularidade em alta do cinema no início do século XX, as escolas demonizaram a nova tecnologia, com medo dos efeitos danosos que pudesse causar na juventude. Na segunda metade do século, a má fama do cinema dentro da sala de aula começou a mudar e a educação audiovisual ganhou destaque.

Mesmo com esse avanço, educadores contemporâneos avaliam que o cinema ainda é subutilizado nas práticas educativas formais. As autoras Rosália Duarte (2002) e Regina Zauk Leivas (2012) compartilham de opiniões convergentes sobre o assunto:

A escola preocupa-se prioritária e quase exclusivamente com a formação do leitor, e não com a do espectador, afinal nem mesmo nós educadores não temos em nossos cursos de formação a inclusão deste assunto.

(...) Desconhecer os clássicos da literatura é considerado como imperdoável, uma lacuna na formação de jovens que necessitam tomar contato com este “tesouro da juventude”. Mas, em relação às produções cinematográficas? Não constituiriam uma parte da produção cultural de suma importância a ser conhecida e considerada como relevante em educação? (LEIVAS, 2011, p.86).

Afinal, educação não tem nada mesmo a ver com cinema? Atividades pedagógicas e imagens fílmicas são, necessariamente, incompatíveis? Por que se resiste tanto em reconhecer nos filmes de ficção a dignidade e a legitimidade culturais concedidas, há séculos, à ficção literária? (DUARTE, 2002, p.87).

Uma análise educomunicativa dos cineclubes em Belém

O objeto da pesquisa que deu margem ao presente artigo foram os cineclubes de Belém, capital paraense. O trabalho propôs investigar o movimento cineclubista na cidade sob o viés da Educomunicação. Partiu-se da seguinte pergunta: Até que ponto os cineclubes de Belém do Pará desenvolvem práticas educomunicativas, levando em conta a diversidade de propostas, posicionamentos e linhas de atuação dessas organizações? A hipótese para o estudo foi a de que os cineclubes da cidade

desenvolvem práticas educomunicativas e, nesses processos, a estrutura democrática dessas organizações é determinante.

O processo foi iniciado com ciência parcial dos cineclubes de Belém através da participação direta do pesquisador na condição de membro do público e, posteriormente, como organizador de uma dessas organizações, o Cineclube Super8⁸. Dessa forma, a finalidade foi apropriar-se desse objeto para “re-conhecê-lo”, lançar olhar renovado sobre um ambiente familiar ao pesquisador.

Para isso foi escolhida, dentro da matriz qualitativo-descritiva, a abordagem de pesquisa participante que, de acordo com Cicilia Peruzzo (2003, p. 2) “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural da ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada”. Ainda segundo a autora, na pesquisa participante insere-se de forma ativa nas atividades do grupo de seu interesse e, especificamente, naquelas que são o foco de sua investigação, não só acompanhando, mas vivendo o processo.

Mapeamento e categorização dos cineclubes ativos em Belém do Pará (outubro de 2013 a março de 2014)

Antes de empreender a pesquisa nesse nível de profundidade, optou-se por fazer um mapeamento dos cineclubes em atividade em Belém do Pará, o que consistiu na primeira fase da metodologia. Por ativo, entende-se aqueles que realizaram sessões de cinema durante o levantamento dos dados. O recorte selecionado foi de seis meses, de outubro de 2013 a março de 2014.

Um dos objetivos do mapeamento foi conhecer o objeto da pesquisa, bem como a localização e amplitude territorial dos cineclubes na cidade, para então definir um *corpus* de análise. A outra, que derivou da sistematização de dados, é que o material ficasse como fonte para futuras pesquisas acadêmicas e para a própria comunidade cineclubista, já que à época e mesmo hoje há poucos estudos na área desta pesquisa com foco nos cineclubes na Amazônia.

A coleta de dados foi realizada por meio de buscas documentais em *sites*, *blogs*, redes sociais na internet (*Facebook* e *Twitter*) cadernos de jornais, matérias e artigos em revistas e junto à cineclubistas de Belém, via telefone, *e-mail* e contato presencial. Os

⁸ Organização que entre 2010 e 2013 promoveu atividades cineclubistas no Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

dados dos cineclubes agrupados no mapeamento foram os seguintes: nome, organizador (es), endereço, distrito administrativo a que pertence, e linha de atuação.

Sobre a categoria “linha de atuação” cabe uma explicação. Ela foi construída durante a busca por cineclubes em Belém, com base nas informações disponibilizadas em seus canais de divulgação (*sites, blogs, cartazes, folders, artigos em revistas*) e na experiência como frequentador de algumas dessas organizações. A categoria ocupa-se ênfase dada por cada cineclube em suas práticas, o que é manifestado na escolha dos filmes exibidos e no foco dos debates antes e depois das sessões.

Identificaram-se, então, três grandes tipos de “linhas de atuação”. Ressalta-se que as linhas de atuação abaixo são generalizantes; servem como um guia para pesquisa, e não um postulado quanto à natureza das organizações. É possível que um cineclube enquadre-se em mais de uma ou mesmo em todas as linhas de atuação. Elas são:

1) Metalinguística – o cineclube utiliza do filme para abordar questões relativas ao próprio cinema: linguagem cinematográfica, estética, contexto de produção, filmografia do diretor e/ou ator, entre outros. Segundo o conceito exposto no dicionário Michaelis⁹, o qual será utilizado, a metalinguagem é: “s.f. 1 Linguagem que se utiliza para descrever outra linguagem ou qualquer sistema de significação”.

2) Temática – a exibição do filme é o mote para discutir temas de outras áreas do conhecimento: questões de gênero, raça, etnia, biologia, história, psicologia, física, conflitos geopolítico, entre outros.

3) Pedagógica – o cineclube apresenta uma proposta explicitamente educativa, na qual o cinema é um instrumento facilitador do ensino-aprendizagem. Nesse trabalho o conceito de pedagogia está pautado em Umberto Pinto (2009) que, de forma sintética, pode ser traduzido como “um campo de conhecimento sobre e na educação”.

Ao fim da fase de levantamento, chegou-se ao seguinte resultado:

⁹ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=metalinguagem>. Acesso em: 26 de setembro de 2016

Tabela 1: Mapeamento dos cineclubes que realizaram exibições de filmes em Belém - outubro de 2013 a março de 2014.

| Nome | Organizador(es) | Endereço | Distrito Administrativo | Linhas de Atuação |
|----------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|--------------------------|----------------------|
| Cineclube 7 | Profª Érika Siqueira | Auditório Estácio FAP (Travessa Municipalidade, 839) | DABEL (de Belém) | Pedagógica |
| Cineclube ACIYOMI | ACIYOMI (Associação Afro religiosa e Cultural Ilê Iyaba Omi) | Rua da Olaria, 34 | DAGUA (Do Guamá) | Temática |
| Cine Africanidade | GERMAA (Grupo de Estudos Religiões de Matriz Africana na Amazônia) | Sala de Vídeo Conferência CCSE/UEPA (Rua Djalma Dutra, s/n) | DASAC (Da Sacramento) | Temática; Pedagógica |
| Cineclube Alexandrino Moreira | IAP (Instituto de Artes do Pará); ACCPA (Associação de Críticos de Cinema do Pará) | Instituto de Artes do Pará (Praça Justo Chermont, 236) | DABEL (De Belém) | Metalinguística; |
| Cineclube Aliança Francesa | Associação Paraense de Jovens Críticos de Cinema (APJCC) | Avenida Boulevard Castilhos França, 1104 | DABEL (De Belém) | Metalinguística |

| | | | | |
|-----------------------|------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------|---------------------|---------------------------------------|
| Cine Arsenal | Não Declarado | Rua Osvaldo de Caldas Brito, 134 | DAGUA (Do Guamá) | Pedagógica |
| Cine CCBEU | Max Andreone; Tiago Freitas | Auditório CCBEU (Avenida Padre Eutíquio, 1309) | DABEL (De Belém) | Metalinguística |
| Cine CMA | Direção - Centro de Memória da Amazônia | Travessa Rui Barbosa, 491 | DABEL (De Belém) | Temática |
| Cine Cuma | Prof. Dr. Marco Antonio da Costa Camelo | Cinema Olympia (Avenida Presidente Vargas, 918) | DABEL (De Belém) | Pedagógica; Metalinguística |
| Cineclubes Itinerante | Regional Norte do Ministério da Cultura (MinC) | Devido a natureza itinerante, não tem sede fixa | _* | Pedagógica; Temática; Metalinguística |
| Cine Guamá | Universidade Federal do Pará; Regional Norte do Ministério da Cultura (MinC) | Espaço Cultural Nossa Biblioteca (Travessa Vinte e Cinco de Junho, 214) | DAGUA (Do Guamá) | Pedagógica |

| | | | | |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|--------------------------|----------------------|
| Cineclube Nangetu | Arthur Leandro | Travessa Pirajá, 1194 | DABEL (De Belém) | Temática |
| Cineclube Super8 | João Cunha; Sávio Oliveira | Auditório ILC, UFPA (Av. Augusto Correa, 1) | DAGUA (Do Guamá) | Metalinguística |
| Cineclube Tela Preta | Coletivo Casa Preta | Rua Roso Danin, s/n | DAGUA (Do Guamá) | Pedagógica; Temática |
| Cineclube UEPA | ACCPA (Associação de Críticos de Cinema do Pará); Academia Paraense de Ciências (APC) | Auditório CCSE/UEPA (Rua Djalma Dutra, s/n) | DASAC (Da Sacramento) | Pedagógica |
| Cine Vai à Escola | GERMAA (Grupo de Estudos Religiões de Matriz Africana na Amazônia) | Devido a natureza itinerante, não tem sede fixa | *** | Pedagógica; Temática |
| Cineclube Ver Meio Torto | Adler Costa; Ana Carolina Sereni; Brenda Figueiredo; Cairé Batista; Carol Miron; Lara Guedes; Lucas Negrão; | Rua Mundurucus, s/n | DABEL (De Belém) | Metalinguística |

| | | | | |
|--------------------------|----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|------------------------|----------------------|
| | Luciane Freire; Masami Sato; Rafael Alcântara; Vallena Correia | | | |
| Cine VEM | Veganos em Movimento | Instituto de Artes do Pará (Praça Justo Chermont, 236) | DABEL (De Belém) | Temática |
| Coisas de Cinema | Aerton Martins | Avenida Lopo de Castro, 1081 | DAICO (De Icoaraci) | Metalinguística |
| Matadouro | Prof. Luizan Pinheiro; Mateus Moura; Max Andreone | Atelier do ICA, UFPA (Av. Augusto Correa, 1) | DAGUA (Do Guamá) | Metalinguística |
| Pindorama Cine - Cultura | André Leite; Fernando Campos | Auditório Térreo da Biblioteca Do IFPA (Avenida Almirante Barroso, 1155) | DABEL (De Belém) | Pedagógica |
| Projeto Troca de Olhares | Prof ^a Verônica Capelo | Auditório IFCH, UFPA (Av. Augusto Correa, 1) | DAGUA (Do Guamá) | Pedagógica; Temática |

| | | | | |
|----------------|----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|------------------|---------------------------|
| Sessão Ciência | ACCPA (Associação de Críticos de Cinema do Pará) | Casa da Linguagem (Avenida N.S. de Nazaré, 31) | DABEL (De Belém) | Metalinguística; Temática |
| Sessão Cult | ACCPA (Associação de Críticos de Cinema do Pará) | Líbero Luxardo (Avenida Gentil Bittencourt, 650) | DABEL (De Belém) | Metalinguística |
| Sessão Daqui | APJCC (Associação Paraense de Jovens Críticos de Cinema) | Sesc Boulevard (Boulevard Castilhos França, 522) | DABEL (De Belém) | Metalinguística |

Fonte: CUNHA, João (2014), com base em informações coletadas nos canais virtuais dos cineclubes (*sites, blogs, fóruns em redes sociais*), cadernos de jornais, matérias e artigos em revistas e junto à cineclubistas de Belém, via telefone, *e-mail* e contato presencial.

* nos meses em que se realizou o mapeamento, o Cineclubes Intinerante promoveu sessões nos seguintes distritos de Belém: DASAC e DAGUA

** nos meses em que se realizou o mapeamento, o Cine Vai à Escola promoveu sessões nos seguintes distritos de Belém: DAICO e DAMOS

Escolha e descrição dos cineclubes: Cine CCBEU, Troca de Olhares: As Interfaces entre Cinema e Filosofia; Cineclube Alexandrino Moreira e Cine Africanidade

Do panorama de cineclubes mapeados, elencou-se quatro deles: Cine Centro CCBEU, Projeto “Troca de Olhares: As Interfaces entre Cinema e Filosofia”, Cineclube Alexandrino Moreira e Cine Africanidade. A escolha foi baseada na representatividade dos cineclubes em relação à categoria linha de atuação. Como mostra o mapeamento, eles cobrem todas as vertentes da categoria “linha de atuação”: metalinguística (Cine CCBEU, Cineclube Alexandrino Moreira); temática e pedagógica (Projeto “Troca de Olhares: As Interfaces entre Cinema e Filosofia” e Cine Africanidade).

Com o fim de compreender melhor os cineclubes em questão, construiu-se um breve histórico de cada um deles, a partir de entrevistas semi-estruturadas com seus organizadores – a primeira realizada em 21 de maio de 2014 com a Prof.^a Dra. Taissa Tavernard, pela Faculdade de Ciências da Religião, da UEPA, coordenadora do Cine Africanidade; a segunda em 22 de maio de 2014 com Tiago Freitas, que faz parte da organização do Cine CCBEU; e a última aconteceu no dia 26 de maio de 2014 com Marco Antonio Moreira, um dos organizadores do Cineclube Alexandrino Moreira. O histórico também foi constituído com o auxílio de pesquisa em *sites* noticiosos, vídeos no Youtube, *blogs* e páginas no Facebook dos cineclubes citados. Abaixo, seguem as descrições

1) Cine CCBEU

Em 2009, o Centro Cultural Brasil Estados Unidos (CCBEU) e a Associação Paraense de Jovens Críticos de Cinema (APJCC) estabeleceram uma parceria da qual surgiu o primeiro cineclube que compõe esta análise. Do primeiro veio o nome do projeto e a infraestrutura para as exibições: o cine teatro com 300 poltronas e uma tela de projeção cinematográfica¹⁰, localizado na sede da instituição, no Distrito Administrativo de Belém (DABEL), região central da cidade.

A associação, por sua vez, se encarregou de realizar as atividades cineclubistas. Da própria APJCC também vem a opção de valorizar filmes que, de alguma forma, contribuam para “a formação de um público cinéfilo”¹¹. Para isso, são contemplados

¹⁰ Informação extraída de <http://www.ccbeu.com.br/view/areacinema.php>

¹¹ Extraído da seção “Sobre a APJCC” do blog da Associação Paraense de Jovens Críticos de Cinema (APJCC). Disponível em: <http://apjcc.blogspot.com.br/p/sobre-apjcc.html>. Acesso em 13 de maio de 2014.

obras de diversas vertentes, gêneros e nacionalidades, e não somente aquelas abalizadas pela tradição cinematográfica. Em outras palavras, no Cine CCBEU não são exibidos apenas “clássicos” do cinema, mas também filmes contemporâneos, cinematografias menos comentadas, mas que, no entendimento dos cineclubistas, devem ser conhecidas pelo público.

Ele, o público, teve participação na curadoria da programação durante os cinco anos de CINE CCBEU, por meio de expedientes, como o “Filme da Plateia”. Ao final de cada ciclo mensal, um membro da plateia tinha o direito de escolher um filme para ser exibido na próxima sessão, na qual ficaria responsável pela mediação do debate.

2) Projeto “Troca de Olhares: As Interfaces entre Cinema e Filosofia”

“Troca de Olhares: As Interfaces entre Cinema e Filosofia” é um projeto de extensão da Faculdade de Filosofia (Fafil) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Como o nome sugere, a proposta é abordar “temas que tenham relevância filosófica em filmes, mas que não tenha só relevância filosófica e de áreas afins, mas que toquem o mundo vivido, que tenham eco no dia-a-dia, no cotidiano (...) e ao mesmo tempo levem a pensar”¹², explica a coordenadora e idealizadora do projeto, Prof.^a Dr.^a Verônica Capelo.

À época da entrevista, o “Troca de Olhares” estava ativo desde 2011 e foi inspirado pelo amor da professora ao cinema, ela que anteriormente foi cineclubista no Rio de Janeiro e em Manaus, aliado a uma inquietude diante da proliferação dos meios audiovisuais e de imagens na contemporaneidade. Imagens que, segundo a mesma, são mal deglutidas, mal interpretadas¹³. O projeto, então, veio à tona como forma de associar o “amor ao cinema pelo diálogo com a filosofia”¹⁴, sua área de atuação, com o objetivo de “formar espectadores críticos, que vejam o cinema além de seus traços estéticos”¹⁵.

3) Cineclube Alexandrino Moreira

¹² Entrevista concedida pela Prof.^a Dr.^a Verônica Capelo ao Programa “Sem Censura Pará” no dia 07/05/13. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=yhQ1sltIsCA>. Acesso em 12/05/14.

¹³ Entrevista concedida pela Prof.^a Dr.^a Verônica Capelo ao Programa “Sem Censura Pará” no dia 07/05/13. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=yhQ1sltIsCA>. Acesso em 12/05/14.

¹⁴ Entrevista concedida pela Prof.^a Dr.^a Verônica Capelo ao Programa “Sem Censura Pará” no dia 07/05/13. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=yhQ1sltIsCA>. Acesso em 12/05/14.

¹⁵ Informação extraída da matéria “Projeto de Extensão da UFPA estuda a relação entre Cinema e Filosofia”, do portal online da Universidade Federal do Pará (UFPA). Disponível em: <http://www.portal.ufpa.br/imprensa/noticia.php?cod=5725>. Acesso em 21 de maio de 2014.

Localizado no Distrito Administrativo de Belém (DABEL), centro da cidade, o Cineclubes Alexandrino Moreira realiza atividades de divulgação, exibição cinematográfica e debate desde setembro de 2007. Segundo Marco Antonio Moreira (informação verbal) ¹⁶, um dos organizadores do cineclubes, este surgiu da iniciativa do Núcleo de Produção Digital (NPD) do Instituto de Artes do Pará (IAP) em incluir dentre suas atividades artísticas um espaço dedicado ao cinema.

A princípio, uma das diretrizes do Cineclubes Alexandrino Moreira foi formar realizadores locais de audiovisual. “Além do conhecimento técnico, promovido pelos cursos e oficinas, é importante a formação de repertório. É impossível fazer cinema sem refletir sobre o que já foi feito. Assistindo aos filmes também se aprende a fazer cinema.” ¹⁷, disse a coordenadora do NPD à época, Ana Lúcia Lobato.

O Cineclubes Alexandrino Moreira, que funciona todas as segundas-feiras, às 19h, no auditório da sede do IAP, tem duas sessões do mês programadas e conduzidas pela Associação Críticos de Cinema do Pará (ACCPA). Nesses espaços, o critério é dar destaque a “filmes de qualidade, filmes premiados, filmes elogiados pela crítica, filmes fora do ‘circuitão’ comercial e que de alguma forma tenham uma noção de cinema mais relacionada à arte, e não ao entretenimento.” ¹⁸ Durante quase sete anos de atividades, o cineclubes já havia exibido obras de diretores renomados, como Jean Luc-Godard, Alfred Hitchcock, Fritz Lang, Charles Chaplin e John Ford.

4) Cine Africanidade

O último cineclubes estudado, assim como o Projeto “Troca de Olhares”, foi uma iniciativa acadêmica que articulou o cinema com uma temática-mestra; neste caso, as religiões de matriz africana. Trata-se do Cine Africanidade, que acontecia mensalmente no Centro de Ciências Sociais e da Educação da Universidade Estadual do Pará (CCSE/UEPA), no Distrito Administrativo da Sacramenta (DASAC), em Belém.

Fundado em 2011, o Cine Africanidade é uma das facetas do Grupo de Estudos Religiões de Matriz Africana na Amazônia (GERMAA). O foco do grupo é a formação

¹⁶ Entrevista concedida por MOREIRA, Marco Antonio. Entrevista III [26/05/14] Belém, Pará, 2014. Entrevistador: João Batista Chaves da Cunha.

¹⁷ Entrevista concedida pela coordenadora do Núcleo de Produção Digital (NPD) do Instituto de Artes do Pará (IAP) em 2007, Ana Lúcia Prado ao portal de notícias *online* das Organizações Rômulo Maiorana (ORM). Disponível em: <http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=289605&%7Cineclubes+alexandrino+moreira+ser%C3%A1+lan%C3%A7ado+nesta+quinta#.U4ZkgXJdU0o>

¹⁸ Entrevista concedida por MOREIRA, Marco Antonio. Entrevista III [26/05/14] Belém, Pará, 2014. Entrevistador: João Batista Chaves da Cunha.

de estudantes do Curso de Ciências da Religião, de Graduação e Pós-graduação, da universidade para aplicar a Lei 10.639/2003, segundo informa a coordenadora do projeto, Prof.^a Dr.^a Taissa Tavernard de Luca (informação verbal) ¹⁹.

Em todas as sessões, era feita uma breve introdução do tema central pela Prof.^a Tavernard e, após o filme, representantes da comunidade afro-religiosa eram convidados para continuar o debate. “O Cine Africanidade é um diálogo horizontal que se estabelece entre comunidade acadêmica e comunidade afro-religiosa” ²⁰, afirmou a professora.

Análise qualitativo-descritiva das sessões dos quatro cineclubes

A fase final da metodologia foi a participação em uma sessão de cada um dos quatro cineclubes descritos anteriormente. A pesquisa participante aconteceu entre 24 de abril e 21 de maio de 2014.

Com o desenvolvimento da pesquisa participante, observou-se que essas organizações tratam da inter-relação Comunicação e Educação com graus variados de efetividade. E o que, primordialmente, influenciou esses resultados foi a dinâmica estabelecida nos momentos de interlocução entre público e mediadores.

Nas quatro sessões em que se realizou a pesquisa, pôde-se presenciar a edificação de *ecossistemas comunicativos*. Segundo o conceito do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), o ecossistema comunicativo é um “sistema complexo, dinâmico e aberto” (SOARES, 2011) cuja meta é estabelecer a convivência saudável entre os participantes, baseado na abertura a interação, no diálogo e no respeito ao outro.

Pode-se dizer que os organizadores desses cineclubes, Cine CCBEU, Projeto “Troca de Olhares: As Interfaces entre Cinema e Filosofia” e Cineclube Alexandrino Moreira e Cine Africanidade alcançaram esse patamar ao fazerem a opção por uma estrutura democrática nos debates sobre os filmes, própria dos cineclubes, nos quais os sentidos das obras cinematográficas são interpretados coletivamente.

Nesses momentos, observou-se que a contribuição do público é desejada e considerada do mesmo modo que a do mediador da sessão. As diferenças e

¹⁹ Entrevista concedida pela Prof.^a Dr.^a TAVERNARD, Taissa. Entrevista I [21/05/14] Belém, Pará, 2014. Entrevistador: João Batista Chaves da Cunha.

²⁰ Entrevista concedida pela Prof.^a Dr.^a TAVERNARD, Taissa. Entrevista I [21/05/14] Belém, Pará, 2014. Entrevistador: João Batista Chaves da Cunha.

semelhanças, aproximações e afastamentos de pontos de vista dos participantes, ao invés de serem evitadas, são o material para a construção de saber sobre o cinema e outros temas, extracineamatográficos. Esse fluxo interacional só foi praticável, na medida em que a participação ativa do público foi estimulada.

Nas sessões analisadas, as tecnologias de informação e comunicação, como o computador, foram usadas pelos organizadores como mediadoras do processo educativo. Ressalta-se a sessão do Projeto “Troca de Olhares: As Interfaces entre Cinema e Filosofia”, na qual o filme foi um recurso fomentador de aprendizagem de temas filosóficos.

Na sessão promovida pelo Cine Africanidade, por sua vez, pôde-se reconhecer a utilização do audiovisual como recurso para o envolvimento do aluno com o conteúdo, no caso, as temáticas das culturas africanas.

Dessa maneira, é possível dizer que os cineclubes em análise realizam, no nível do debate, práticas educomunicativas, e que a estrutura democrática desenvolvida por eles é um fator determinante para essas práticas.

Conclusões

Observou-se, após a realização da análise qualitativo-descritiva de quatro sessões dos cineclubes belenenses que constituíram o *corpus* de análise da pesquisa e das entrevistas com os coordenadores, que as organizações possuem uma intencionalidade comunicativa partilhada, que é a formação do público. Formar no sentido amplo de estimular a construção de significados sobre cinema e para além dele, com base na autonomia do público, estimulando-o a um nível de criticidade e reflexão.

Foi constatado, também, que as sessões foram dialógicas, uma vez que o diálogo foi o norteador de suas ações, como metodologia de convivência; e transdisciplinares, visto que nelas público e mediadores mobilizaram uma gama de conhecimentos, não só metalinguísticos, chegando à interseção e à simbiose deles.

Com base nesses elementos, percebeu-se que as interações instauradas nas sessões em análise correspondiam a sistemas dinâmicos e abertos, em espaços de convivência e ações inclusivas, midiáticas e criativas, caracterizando a criação de ecossistemas comunicativos, de acordo com Soares (2011).

Concluiu-se também que esses ecossistemas comunicativos só foram realizáveis por que aos seus construtores, os cineclubistas (público e organizadores) foi dada uma

condição que se mostrou essencial: a ambiência democrática, que reconhece a igualdade entre as pessoas envolvidas e garante o direito de palavra a todos.

Referência bibliográficas

ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe. Cineclube, Cinema & Educação. **Londrina: Práxis, Bauru: Canal**, v. 6, 2010.

CUNHA, João. “Divertir, instruir, emancipar”: Uma análise de processos educacionais em cineclubes de Belém do Pará”. **Acervo pessoal**, 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Autêntica Editora, 2002.

LEANDRO, Anita. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. **Comunicação & Educação**, v. 7, n. 21, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, v. 6, n. 18, 2007.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas**, p. 125-145, 2005.

SALVATIERRA, Eliany. Ecosistema cognitivo e comunicativo. **Acesso em**, v. 7, 2010.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOARES, Maria Salete Prado. Concepção dialógica e as NTICs: A Educomunicação e os ecossistemas Comunicativos. **Colóquio internacional Paulo Freire**, v. 5, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. **São Paulo: Paulinas**, p. 104, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato, Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, Brasília, ano**, v. 1, p. 5-75, 1999.

Referência eletrônica

CUNHA, João. A construção do campo cinematográfico: O nascimento de um meio de comunicação social, 2011. Disponível em https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.intercom.org.br%2Fpapers%2Fnacionais%2F2011%2Fresumos%2FR6-2662-1.pdf&ei=49WeU7jFDLjJsQSJ34HwCQ&usq=AFQjCNFsUgtJ0sgWcH0Tmi9s8B7q62F6Q&sig2=4l_BjeLN4x21xtjutc8fA&bvm=bv.68911936,d.c Wc. Acesso em novembro de 2013.

Videografia

VÍDEO aula Educomunicação (2012): disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=8iMyk4ddXZI>. Acesso em: Abril de 2014

ENTREVISTA com Dr. Ismar Oliveira completa (2012):
<http://www.youtube.com/watch?v=VPjSDiu9ZLo>. Acesso em: Abril de 2014

PROJETO da UFPA promove reflexões entre filosofia e cinema (2013):
<https://www.youtube.com/watch?v=yhQ1sltIsCA>. Acesso em: Maio de 2014.

